

Marcha dos Fantasmas

Heron P. Nogueira

Uma exposição no Módulo - Centro Difusor de Arte.
Lisboa, 2022.

Marcha dos Fantasmas

(Conta-se sobre um sonho no qual uma criança frequentemente ouvia um barulho vindo do exterior – era o som da procissão dos fantasmas que percorria a cidade e parecia aproximar-se da rua onde vivia. Ali, a criança corria até à janela aguardando a procissão chegar. O som tornava-se cada vez mais alto, a marcha dos fantasmas poderia aparecer a qualquer momento. Nesse instante, a criança acordava.)

(As pessoas adoram a sensação de estar na praia e contemplar o horizonte, alcançando a liberdade com o olhar. Mas há sempre alguém que contempla de volta, também alcançando a liberdade com o olhar, noutra praia escondida pela curva da terra.)

Durante os últimos dois anos acompanhei de perto a pintura e respetiva prática do Heron. Deste tempo, fui constatando que o seu trabalho cria uma ponte curiosa sobre a “máxima” de Cézanne acerca das três coisas que compreendem o fundo do trabalho do pintor: “(...) três coisas constituem o fundo do ofício, perante as quais há trinta e cinco anos me esforço e nunca haveis de tê-las, três – escrupulo, sinceridade, submissão. Escrupulo perante as ideias, sinceridade

perante nós mesmos, submissão perante o objeto.”¹ Por pouco que as três encaixariam na prática de trabalho do Heron, não fosse a sua completa falta de escrupulos perante as ideias ou, acima de tudo, perante as vontades, característica que em parte o distancia da “máxima” acima referida e o aproxima, ao invés, de uma prática de pintura que é de intuição, como a de um pintor que corre por registar sensações fugidias, vontades cometas, constituindo um fundo de ofício inesgotável e dificilmente saciável (*as vontades são muitas e o tempo é pouco*)². Assim, da sua falta de escrupulos perante as vontades resultam pinturas de difícil categorização relativamente a temas e géneros, aparentando uma certa aleatoriedade na qual o denominador comum é sempre a pintura. Da submissão ao objeto que vê e da sinceridade consigo mesmo decorre, sobretudo, uma despreensão, simplicidade e conseqüente verdade daquilo que pinta.

Na presente exposição, e como já se tem tornado habitual no seu trabalho, vemos sobretudo pinturas de pequena escala, escala de livro (por vezes de bolso). Ora produzidas sobre linho preparado através de técnicas distintas, ora produzidas sobre madeira preparada com bolo arménio. São pinturas extremamente manuais e que preservam, como consequência, um lado especialmente desajeitado, por vezes tosco e estranho, que encontra e abraça as pinturas que se veem. Acho-as sorrateiras: discretas, afirmam-se por si, mas não parecem competir com nenhuma outra – sussurram de longe e exigem que sejam vistas de perto – uma e duas vezes.

Figurativas, abstratas ou pendentes entre ambas, a exposição reúne pinturas pertencentes a alguns “grupos” (se é que assim os posso nomear): o da tarefa das flores, o dos espelhos, o dos espinhos... Vemos também alguns arcos, vemos construções arquitectónicas [como exercícios que recuperam fragmentos de pinturas de referência (*Giotto*) ou fragmentos encontrados pela cidade de Lisboa (*Anjos; Marcha dos Fantasmas*)], aranhas. Sem querer aproximar-me de descrições exaustivas, relevo um dos trabalhos de pintura do Heron que mais inusitado considero: o da tarefa das flores. Dentre as demais pinturas que a pintura demanda, o Heron parece voltar às flores como quem regressa a casa. Num tempo em que as práticas artísticas

afirmam, cada vez mais, surpreendentes pelas suas técnicas, meios e apresentações, urgentes pelos assuntos e avançadas pela tecnologia, estas pinturas de flores revelam-se paradoxalmente retrógradas e revolucionárias, como pinturas que mantêm um pé assente no passado e outro que caminha em frente. São insólitas. Contraditórias. Simultaneamente obsoletas e frescas, “fora de moda” e intemporais.

Voltando a uma visão global da exposição, creio ser particularmente curioso atentar nalguns aspetos das pinturas, nomeadamente, no tratamento, na cor e no brilho (no caso, à falta dele). Relativamente ao tratamento, as pinturas que aqui vemos (na sua maioria) parecem ir experimentando e renovando modos de fazer entre si, chegando mesmo a referenciar-se e/ou a contrariarem-se, como exercícios que nos vão falando das particularidades de cada um. Algumas, sobressaem pelas suas magras camadas (*Giotto, Espinhos I*); outras, pelo corpo e opacidade presentes em determinadas áreas (*Lurker II e IV*). A ausência ou quase ausência de brilho é também, diria, uma característica geral destas pinturas, que faz reforçar uma sensação de cor que é tendencialmente pálida (Sem título, *Marcha dos fantasmas*), por vezes inanimada, acinzentada, quase “cor descorada”, da qual irrompe, ocasionalmente, áreas ou pontos de luz (*Na taperinha*) e de cor viva (*Colisão*).

Há, ainda, um ritmo específico que se sente nestas pinturas. Embora pareçam resultar de uma certa imediatez de produção, como se de pinturas produzidas “de uma assentada só” se tratassem, elas contêm, curiosamente, um ritmo que é calmo, misteriosamente sereno (*Facto II* ou até mesmo as aranhas *Lurker II e V*). Esta atmosfera criada relembra-me aquilo a que os marinheiros se referem quando falam da calma sentida no mar e antecedente a uma tempestade. Claro, esta é uma analogia num sentido figurado, pois não que estas pinturas premeditem qualquer tipo de tragédia ou tempestade porvir. Pelo contrário, são pinturas que

se ficam pelo instante particular de um tempo sereno, quieto, mas que o sabemos fugaz – sabemo-lo suspenso demais para que se possa estender por muito mais tempo.

Lembra-me a imagem e a sensação das pessoas na praia a contemplar o horizonte, esse instante em que alcançam a liberdade com o olhar. Lembra-me também a criança do sonho, no preciso momento em que olha através da janela – a rua serena, suspensa - essa imagem que antecede o fim do sonho e o início da marcha dos fantasmas.

Beatriz Coelho, Setembro de 2022

¹“Paul Cézanne por Élie Faure seguido de O Que Ele Me Disse por Joaquim Gasquet”, trad. Anibal Fernandes, editora Sistema Solar, 2016;

² Título de uma história escrita por Heron P. Nogueira e ilustrada por Lucas Gehre

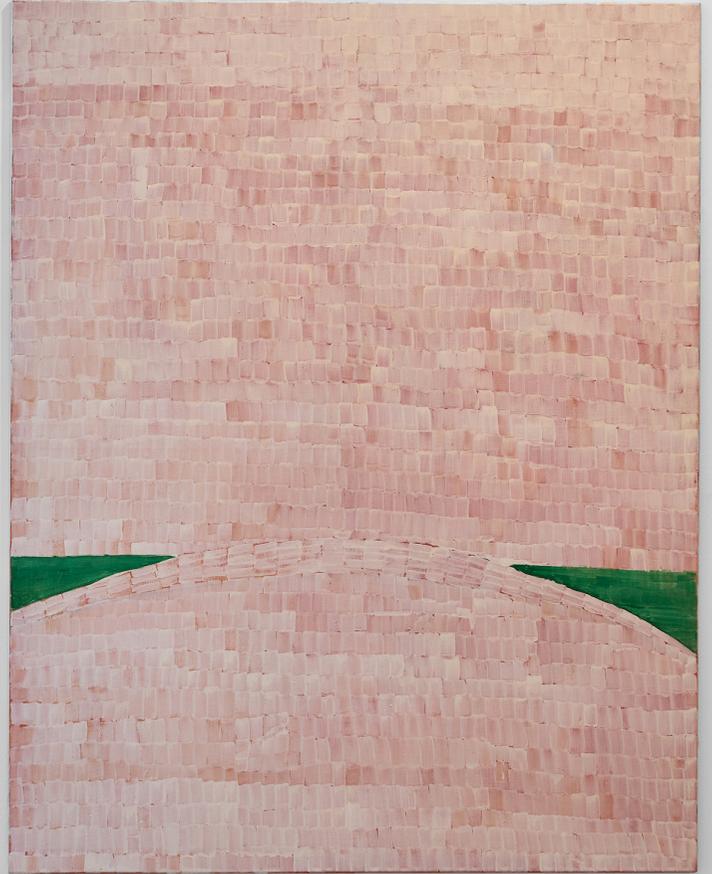
Vistas da exposição















Algumas pinturas



Lurker IV; óleo sobre tela, 22 x 27 cm, 2022.



Sem título (arcos); óleo sobre tela, 38 x 46 cm, 2022.



Sem título (arcos); óleo sobre tela, 38 x 46 cm, 2022.



HEX; óleo sobre tela, 24 x 24 cm, 2021.



Na taperinha; óleo sobre tela, 22 x 27 cm, 2022.



Espinhas 3; óleo sobre tela, 22 x 27 cm, 2022.



Sem título (tarefa das flores); óleo sobre madeira preparada com bolo arménio, 24 x 30 cm, 2022.



Lurker II; óleo sobre tela, 27 x 35 cm, 2022.



Colisão; óleo madeira preparada com bolo arménio, 24 x 30 cm, 2022.



Sem título (tarefa das flores); óleo sobre linho, 27 x 22 cm, 2022.



Lurker I; óleo sobre linho, 24 x 30 cm, 2021.



Sem título (arcos); óleo sobre linho, 22 x 27 cm, 2022.



Sem título (tarefa das flores); óleo sobre linho, 27 x 22 cm, 2022.



Sem título (tarefa das flores); óleo sobre linho, 27 x 22 cm, 2022.



GIOTTO II; óleo sobre linho, 38 x 46 cm, 2022.